

A NOVELA VERMELHA

— N.º 3 —

HUGO, O PINTOR

POR

Mário Domingues



LISBOA, JULHO DE 1921

—
Secção Editorial da BATALHA

Hugo, o pintor

Hugo combinara com Angela um passeio delicioso para essa tarde cálida de Junho. Iria esperá-la ao Lumar, no doce recolhimento dessa quinta distante dos exibicionismos *snobs* e dos meios freqüentados por pessoas *chics*. Angela não conhecia esse paraíso a dois passos do tumulto da cidade. Era uma carinhosa surpresa que o pintor lhe preparava.

Esperando, embrenhara-se o artista nas áleas estreitas, onde o sol fulgurante penetrava a custo. Amava o silêncio, o isolamento. A vegetação espessa protegia-lhe, com a sua sombra fresca, o pensamento impetuoso, canalizando-o para problemas transcendentais. A penumbra dos arruamentos, manchada de pontos luminosos, brincando, favorecia os vôos da sua imaginação sedenta de Belo para as altas regiões do idealismo emancipador.

Hugo era um pintor revolucionário. Compreendia a Arte de uma forma superior; queria erguer uma nova estética. Para êle, o trabalho do pintor, do artista que sente e ama a Natureza, não devia limitar-se à mecânica reprodução da paisagem ou da figura. Entendia que a Beleza era o verdadeiro sentido da vida, e a estética não podia resumir-se apenas numa fórmula imprecisa, nascida vagamente da linha, da côr e do som.

A sua estética era maior, mais alta; encerrava todas as grandes aspirações da humanidade. A mais bela obra de arte seria aquela que concretizasse essas aspirações, a que obedecesse de uma forma absoluta à nova estética, assente sobre os sentimentos fundamentalmente humanos de Verdade, de Justiça, de Bondade e de Beleza.

Para se ver a vida de tam alto era preciso ser-se uma alma aberta à claridade forte das concepções grandiosas; possuir-se uma coragem indômita e lutar contra as imperfeições do mundo. A vida era, para Hugo, um lauro

formidável pela Verdade, pela Justiça, pela Bondade e pela Beleza. A junção indestrutível destas aspirações formava a harmonia sonhada, a anseada perfeição, o Ideal.

E porque tinha da vida esta noção admirável, desprezavam-no; porque tentava sempre nas suas telas brancas, materializar em orgias de côr, o seu alto sentimento de beleza, apontavam-no como doido; fechavam-lhe todas as portas; apertavam-no num círculo de isolamento férreo; enjaulavam-no, como fera perigosa, num ambiente de terrificante silêncio.

Hugo, porém, não se deixava vencer. Teimava, numa obstinação inquebrantável, em prosseguir a longa caminhada da vida pela estrada luminosa do sonho e da fantasia. Os seus quadros, de ano para ano, atingiam nova *étape* do seu programa interminável, do seu ideal de grandeza. Os assuntos escolhidos escandalizavam o público *snob*, que mede a Beleza pelos seus interesses mesquinhos de casta dominante. Eles exteriorizavam sempre um sentimento de revolta sublime contra os preconceitos sociais — essas barreiras efémeras erguidas pelo egoísmo de uns tantos, no intuito criminoso de impedir a marcha eterna da humanidade sofredora para o Ideal, para a Perfeição, pelos caminhos seguros da Verdade, da Justiça, da Bondade e da Beleza.

A imbecilidade dos senhores, a rapina dos banqueiros e a vacuidade dos políticos, eram atacadas por Hugo, com veemência, na sua pintura demolidora. E não se satisfazia a sua alma com o demolir apenas; também o artista exaltava a solidariedade e o amor em composições simbólicas, plenas de harmonia e encanto.

Era forte; não temia as arremetidas rasteiras da crítica ignorante, nem tampouco as artimanhas dos adula-dores que, acariciando-lhe a vaidade com pancadinhas amáveis no ombro, lhe diziam, entre sorrisos irónicos, que êle viria a ser um verdadeiro génio se quizesse tomar juízo.

E Hugo meditava tristemente no que seria tomar juízo.

Abdicar do seu ideal de perfeição; deixar de ser êle próprio o amante do Belo e do Justo, para pintar, ao serviço de uma casta endinheirada, a injustiça, a vaidade e a ignomínia — seria tomar juízo. Cantar pelo colorido intenso, que do seu pincel se desprendesse, a riqueza e a autoridade que esmagam e deixar no olvido a dôr dos humildes, a tragedia obscura do tugúrio pobre, o direito

que todos teem à felicidade e ao bem-estar—seria tomar juízo.

Como bemdizia a sua loucura impetuosa e indomavel! Preferiria abdicar da sua arte, da própria vida, a deixar-se mergulhar no pântano repugnante das ambições mesquinhas.

Por felicidade não dependia dos semi-deuses barrigudos que comprem as cebolas de todas as exposições e regem o mundo com seu cofre-forte. O viver modesto que levava era despesa que o ordenado de seu pai supportava sem gemer. Não precisava prostituir a sua Arte, nem arrastar os seus sonhos de artista pela lama das conveniências. A pintura era para êle mais do que uma profissão — era um ideal. Esta independência criava-lhe fôrças; dava-lhe ânimo para concepções originais, para trabalhos arrojados.

Angela, essa criança toda bondade e doçura, fôra fascinada pela intelligência potente do esteta, como um astro minúsculo e débil pela atracção de um sol inegualavel de beleza.

A historia dos seus amores foi enternecedora e simples. Não teve a banalidade caricata de certas costureiras viciadas, nem os hysterismos exagerados das meninas aristocráticas e muito menos ainda a bonacheirice da burguesinha, filha do negociante de chouriços.

Falaram-se um dia os dois artistas (ela cursava ainda nas Belas-Artes) e, como as suas aspirações fôsem idênticas na sua essência pura, compreenderam-se, sentiram a necessidade de apoiar-se mutuamente, de caminhar juntos para o ideal comum.

Angela atingia as grandes verdades pelo sentimento; Hugo era um misto de razoavel e sentimental. Angela horrorizava-se ante a injustiça; Hugo revoltava-se. Ela queria subir até à Beleza e à Bondade, pela doçura, pela afabilidade e pelo amor; êle, pela luta. Um era o verdadeiro homem, feito de nobreza e força; outra, mulher no sentido sublime da palavra.

O sentimento terno que entre ambos nasceu — ao cabo de alguns meses de intimidade, de passeios encantadores ao campo e da mútua confissão de gostos semelhantes— não os alarmou. A palavra amor aflorou naturalmente nos lábios de ambos com a mesma simplicidade e misterioso encanto da água límpida, transparente, brotando de uma fonte.

Há muito que Hugo prometera a Angela aquele passeio à quinta do Lumiar. Haviam de gozar deliciosamente

mente essa tarde de estio. Ela sentir-se-ia decerto maravilhada ao embrenhar-se nos perfumados jardins, tam fascinadores no seu colorido intenso. Comprometera-se a procurá-lo no labirinto atraente da exuberante vegetação da quinta.

Hugo fôra mais apressado; não pôde resistir à tentação de penetrar, muito antes da hora aprazada, no jardim misterioso. Percorrera já inúmeros arruamentos sombrios. Atravessou extensões verdes de relva tofa, como tapetes orientais, onde o capricho de um jardineiro hábil desenhara, com flôres de variegada côr, arabescos bizarros. Subiu a larga escadaria de pedra antiga que termina junto do palácio abandonado. Cada degrau era ornamentado de vasos finos, onde catos de múltiplos aspectos estendiam as suas folhas largas, fortes e agressivas, eriçadas de espinhos formidáveis, lembrando ouriços verdes de formas complicadas.

Lá no topo o palacio Renascença, simples de linhas, respirava gravidade nos mínimos contornos. A hera abundante invadia as paredes com a sua renda verde e caprichosa no desenho; galgava de andar em andar até aos beirais, envolvia as janelas, ha muito cerradas, num abraço luxuriante; descaía aqui, erguia acolá um ramo débil em desesperado gesto, vestindo a frontaria com um veu espesso que deixava adivinhar apenas, em alguns pontos, as formas elegantes da construção.

O olhar de Hugo, habituado a dissecar as mil côres que uma só côr contém, a apreender de golpe as subtilidades da linha e os mais imprevisos efeitos de luz, deteve-se, por momentos, contemplando o quadro fino. A sua alma de pintor vibrou intensamente, como harpa sonora ao contacto dos dedos delicados de uma mulher genial. Instintivamente o seu passo abrandou e o olhar desceu pensativo sôbre a areia do caminho. Aquele espectáculo criara-lhe de pronto pensamentos inúmeros, aparentemente diversos, todos convergindo, porém, impelidos pelo seu temperamento arrebatado, para um fim único. Vislumbrara um quadro grandioso, naquele mesmo instante.

Os altos pensamentos geradores de obras-primas, produzem-se geralmente assim, de súbito, excitados por um nada, nascidos, por vezes, de uma causa tam ínfima, que nem com ela os efeitos admiraveis parecem relacionar-se.

A obra futura tomava vulto no cérebro do artista. Hugo via já o seu trabalho terminado, belo, perfeito. Se-

ria a fachada sumptuosa desse palácio silente; daria outro arranjo à hera viçosa, destacando-a do fundo claro da parede lisa; os amarelos vivos relampejariam na madeira escura da porta monumental. E sôbre a escadaria larga que lhe dava acesso colocaria vasos bojudos plenos de policromas flôres. Não esqueceria as cantarias brancas nem os marmores artísticos. Empréstaria ao palácio, com a sua pincelada larga, certa grandeza, sumptuosidade e poderio.

E o espectador imaginaria, ao contemplar a sua obra, que para lá daquela grande porta cerrada, muda e agressiva, habitava alto senhor de faces duras, gestos bruscos e grande exército de escravos para o servir, ou princesa encantada, de beleza fria do norte, maneiras altivas e cabeleira ruiva.

Concentrado, enfeudado nas quatro paredes do seu cérebro, desceu o pintor pelo lado oriental da quinta, uns tantos degraus toscos, invadidos pelo musgo azulado que a humidade criara e a escassez de passeantes deixara medrar em abusiva liberdade. Ladeou um grupo de cerejeiras pintalgadas do vermelho de seus frutos e dirigiu-se para o lugar misterioso do jardim, envolto em perfumes, zumbidos e aparições fantásticas de vegetação luxuriante. Alcançou uma pequena clareira iluminada. O suspiroso gemido de uma fonte à beira de um lago calmo, impressionou-o. Respirou fundo e uma ternura subtil encheu-lhe o peito como se o ar fluídico viesse impregnado de bondade. O murmúrio da fonte lembrou-lhe o ciciar ingénuo de beijos castos. Reclinou-se num banco de mármore escutando a melodia estranha que pairava no ambiente voluptuoso. Uma árvore amiga envolveu-o na sua sombra acariciante, convidou-o à meditação.

O seu pensamento irrequieto voltou a procurar em imagens precisas as suas aspirações superiores. O quadro de há pouco desenhou-se-lhe de novo ante o seu olhar profundo.

Sonhou. Pouco a pouco, sôbre a escadaria de mármore, uma sombra surgiu, seguiu-se-lhe outra sombra; tomaram forma e ficaram postadas em relêvo uma figura de mulher miseravel e andrajosa e a silhueta de uma criança semi-nua e esquelética.

Abriram-se-lhe mais os olhos deslumbrados, fitando sôbre o lago adormecido um ponto abstracto. Um sorriso feliz adoçou-lhe as linhas rígidas dos lábios breves: o artista criara a sua obra maravilhosa. Era o doloroso

contraste do palácio rico e das criaturas miseráveis que o entusiasmava, que satisfazia o seu temperamento artístico e os seus anseios de revolucionário.

Descansou depois o seu espirito tenso na observação descuidada da Natureza. Os sentidos vibraram melhor no ambiente poético. Julgava compreender agora a linguagem misteriosa da fonte, que entoava a sua canção triste, que soluçava a medo a angustia dos humildes.

O sol doirado da tarde irrompia violento pelos intervalos estreitos dos troncos, scintilava na superfície espolhenta do lago. Nos ramos altos da grande árvore amiga as aves chilreavam.

Soou a hora feliz do aprazado encontro. Um vestido branco, leve, quasi fluídico, iluminado de través, como nuvem vespertina, pelo oiro reluzente do sol, surgiu de subito lá longe, ao fundo de uma álea longa. O pintor correu ao encontro de Angela e trouxe-a enlaçada até à beira da fonte. Sentaram-se ambos sôbre a relva mole, conversando.

Enquanto Hugo descrevia o quadro sonhado e a aspiração de Beleza, de Verdade e de Justiça que essa obra encerrava, Angela bebia-lhe voluptuosamente as palavras, fitava no pintor os seus olhos azul terno; e os seus lábios, um nada grossos, húmidos, vermelhos e sensuais, abriam-se num sorriso gracioso, mostrando os dentes certos e claros.

Uma fôrça interior, impetuosa e invencível, obrigava-a a admirá-lo. O seu amor era quasi todo feito de admiração. Não sabia bem que sentimento era esse que a submetia ao pintor, como crente ao deus poderoso. A sua paixão não nascera apenas da fascinação vulgar daqueles olhos negros, grandes; do assetinado daquela pele escura, quente; da sua estatura banalmente nervosa, franzina; do brilho dos seus cabelos negros, escorridos; nem do sorriso dos seus labios finos, descorados. Também não acreditava que o artista a amasse pelos seus cabelos louros, claros; pela sua face branca, pálida; nem pela sua grande bôca, sorridente.

Eles formavam até um par deselegante, como quasi todos os pares. Ela era alta, mais alta do que êle. E não havia nada mais ridículo e inestético do que um homem franzino caminhando pelo braço de uma mulher, como ela, comprida e de largas ancas em balão.

Mas havia qualquer coisa em Hugo que a prendia, que a arrastaria em vertigem, como fôlha seca ao sôpro impetuoso do nordeste — era a superioridade do seu espí-

rito. Escutando as suas palavras, sentia-se pequena, ela que era tam alta.

Hugo notou que Angela ouvia religiosamente as suas frases coloridas de entusiasmo. Feriu-o a carinhosa submissão que lia no azul transparente dos seus olhos ternos.

—Continuas a tomar-me por um deus—murmurou êle sorrindo.

«A submissão degrada os sentimentos, meu amor. Não vejas em mim o que eu não sou, o que eu nunca poderei ser.»

Ela tentou impedir-lhe a censura com uma frase breve.

—Amo-te, adoro-te, Hugo!

—Adoras-me como se pode adorar um deus. E os deuses provocam tantas desilusões...

Quedaram-se ambos longamente silenciosos. A doce melancolia que pairava no ar envolveu-os num abraço invisível, cheio de volúpia. A fonte contava sempre uma lenda infinitamente triste.

—Se alguma coisa devemos adorar, é a Natureza—disse o pintor olhando vagamente o lago.

—Parece que é a propria Natureza que me ensina a adorar-te tanto—ciciou Angela.

—A má conselheira...—contestou o pintor, fitando-a no azul profundo dos seus olhos límpidos. Angela não pôde resistir áquele olhar que a penetrava até ao mais recondito do seu pensamento e desviou os olhos, ruborizando.

Ele enlaçou-a, quis prender-lhe o rosto e fitá-la de novo.

—Porque córaste?

Ela não respondeu. Ocultando-lhe a cabeça loira no seu peito, passou-lhe os braços nús e macios em volta do pescoço. Avidamente, os lábios de Hugo procuraram os dela, unindo-se num beijo fremente e prolongado—o primeiro beijo. Estreitaram-se mais e outro beijo, seguido de outros, chilreou, misturando-se, como nota grave, no cântico das aves, que saltitavam nos ramos rondosos.

O sol descia para além do arvoredos; as sombras prolongavam-se sôbre o lago dormente e invadiam os canchãos de tinta roxa e translúcida.

Súbitamente Angela estremeceu nos braços do artista. Gritos aflitivos ecoaram por traz da verdura espessa do jardim. Erguiam-se bem alto e desesperadamente como quem pede socorro.

— Meu deus! — exclamou ela aconchando-se no peito do pintor.

— Sossega, meu amor — disse êste sorrindo,

Era o cântico angustioso dos pavões.

Soberbos nas suas longas caudas bordadas de arabescos orientais, passaram os pavões em bando, junto dos namorados, desaparecendo aos gritos, na curva dum aruamento sombrio.

— Que medo me fizeram — murmurou Angela unindo-se mais ao corpo de Hugo, que sorrindo a beijava com ternura.

Conservaram-se assim, estreitamente enlaçados durante alguns momentos, em silêncio, escutando a doce harmonia da fonte, vendo o colorido do jardim desvanecer-se ao sol poente.

— Tenho medo — teimou ela.

— Medo de quê?

— De ti, meu amor.

Frouxamente tentou furtar-se-lhe dos braços — e ficou mais prêsa; quis ocultar-lhe os lábios — e sentiu-os mais unidos aos dele, num beijo impetuoso que lhe causava vertigem. Desfaleceram-lhe as fôrças, abandonou-se momentaneamente, primeiro, com impeto, depois. E num amplexo violento e criador, rolaram sôbre o tapete de relva macia, misturando-se seus suspiros voluptuosos na melopeia triste da fonte, entoando um hino sonoro, vibrante e terno à Vida e ao Amor.

II

Algum tempo depois daquela tarde inolvidável de Junho, Hugo deu comêço ao seu quadro revolucionário. Preparava-se para a próxima exposição. Essa obra maravilhosa, sentida, tam repassada de verdade, seria mais um motivo de escândalo e de indignação para os críticos conservadores, mais um assunto de discussão nos cafés intellectuais.

Angela amava aquela obra de arte mais do que nenhuma outra. Todas as tardes dêsse estio calmoso e sufocante atravessava as avenidas novas e desertas, plenas de sol escaldante e descansava no *atelier* do pintor, gozando a penumbra fresca, reclinada na moleza confortante dum sofá modesto.

Raras palavras trocavam os dois amantes recentes. Êle

entregava-se todo à sua obra de beleza; ela deliciava-se seguindo-o com a vista, curiosa de ver aparecer pouco a pouco, em manchas equilibradas, o sonho de ambos. Vendo as evoluções do pincel julgava-se vivendo um desses contos de fadas de ingenuidade encantadora, onde varinhas mágicas realizam maravilhas de criação, dando forma e corpo e côr a nuvens diáfanas, imprecisas.

Hugo aparecia-lhe, por vezes, como um deus inimitável, desprendendo de seus dedos luminosos a vida que povoa os mundos. Curvado para a frente, fitando o trabalho, como um lutador antigo que espia os movimentos do adversário perigoso, ora recuava em silêncio, medindo a obra de olhos semi-cerrados; ora avançava de súbito, impetuoso, o pincel bem firme na mão potente, atravessando o quadro de lés a lés com arabescos vermelhos, lembrando feridas abertas na alvura da tela. Depois vinham outras pinceladas suaves, carícias divinas, esbaltando, pensando os fermentos quentes. E formas palpitantes surgiam animadas e vivas.

Às vezes o silêncio quebrava-se inesperadamente. Hugo embebido nos segredos da vida, cantava. E a sua voz, nítida parecia evolucionar na semi-claridade da sala como hino luminoso entoado à Arte e à Beleza.

Angela sentia-se então penetrada de paz e de amor, a alma banhada de frescura e de bem-estar. Cerrava lentamente os olhos, ageitava-se melhor na concavidade do estofo, e deixava que o seu pensamento seguisse as curvas voluptuosas do cântico triunfal. A sua imaginação criava-lhe no cérebro formas irreais, o peito enchia-se-lhe duma claridade fantástica. Sonhava e o seu sonho mergulhava-a toda numa luz incomparável. A voz de Hugo diminuía de intensidade, afastava-se e vinha, por fim, dum logar longínquo, dum mundo novo, do mundo do sonho e da fantasia. Angela vivia então uma outra vida, onde tudo era beleza e harmonia. Era uma vida nascida dum sôpro divino. E a voz de Hugo sempre embaladora e distante tomava vulto, materializava-se num corpo elegante e másculo, encarnava o próprio pintor. Era porém um outro Hugo, mais belo, irresistível na sua nudez de estátua grega, que alevantava os braços esculturais, num gesto místico; reclinava para traz a cabeça aureolada e subia; subia sempre a sua figura pagã num horizonte de oiro resplandecente, como as almas brancas e cristãs num ceu azul, em busca do deus supremo que nunca se encontra.

E ela via-se também transfigurada no seu sonho, mais

bela ainda, branca e nua, como imortal escultura, a sua cabeleira loira a esfumar-se no fundo de oiro dêsse quadro impossível, os braços niveos enlaçando Hugo em suplicante gesto, os seus lábios sensuais contraídos num beijo nunca satisfeito, lembrando um cravo vermelho em botão, abrindo...

Elevavam-se no sonho, no vácuo de oiro, no mundo do Ideal, onde os corpos se purificam e as almas se divinizam...

Numa tarde em que sonhava assim, foi Angela despertada por um beijo breve. Abriu os olhos e sorriu. A cabeça de Hugo iluminada pelo sol fugitivo estava envolta em reflexos doirados. Angela quasi não sentiu transição do sonho para a realidade. A atmosfera doirada que invadia o *atelier* pareceu-lhe o horizonte do seu sonho. O seu amor por Hugo redobrou nesse instante. Sentiu um mundo imenso de ternura transbordando da sua alma de mulher. E adivinhava ao mesmo tempo, com angustia, que Hugo não profundara ainda êsse mundo imenso. Ele amava-a, mas não tanto como o seu amor requeria. Tinha necessidade de desnudar a sua alma ante os olhos do artista e maravilhá-lo. Se ela tivesse aquela mesma felicidade excepcional de exteriorizar pela côr os seus sentimentos mais íntimos, Hugo ficaria deslumbrado ante a infinita beleza do seu sentir. Puxou-o mais a si, lânguida; e, como iluminada por uma luz sobrenatural, falou ao amante, em voz baixa, para que fosse êle o único a aprender os seus segredos. Em frases repassadas de ternura, um pouco ruborisada, como se deixasse cair uma a uma, as rendas do seu vestuário até mostrar o seu corpo nú, Angela foi revelando o que havia de belo na sua alma amorosa.

Disse-lhe tudo quanto sentia o seu coração palpitante e anceoso: como a maravilhavam as madrugadas húmidas e o ceu violeta; quanto a deslumbravam os raios violentos do estio sôbre o oiro das searas infinitas; a ternura repassada de angústia que dela se apossava quando o sol morria, afogado no mar longíquo, em tardes trágicas plenas de nuvens sangrentas. Contou-lhe histórias de miséria que lhe envolviam o coração em lutuoso veu e mostrou-lhe o desejo impetuoso de poder espalhar, em gestos luminosos, a felicidade sôbre a terra, abatendo a vaidade dos senhores, purificando os corruptos, quebrando as cadeias dos escravos, abrindo de par em par em portas das prisões, demolindo os muros que dividem o globo em fracções, em propriedade

de meia duzia. Esse amor ilimitado pela humanidade que Hugo fixava sempre os seus quadros, tambem tinha eco no seu coração. Na sua alma tambem cabiam as grandes aspirações humanas. A Verdade aparecia-lhe como um sol fulgurante em ceu limpo de nuvens; a Justiça era a estrada recta e branca que o homem devia seguir para a conquista da felicidade; a Bondade era o perfume, viração subtil que devia penetrar o coração de todos e acalmá-lo, domá-lo às generosas pulsações; a Beleza era maior, porque consubstanciava as três primeiras aspirações. Quem está de posse dêstes quatro sentimentos, tem o segrêdo da vida na sua mão. Caminhar para a Beleza, síntese de tudo quanto é bom, justo, verdadeiro e generoso—eis o verdadeiro sentido da vida! Ela também sabia criar, não com o pincel, porque a sua pintura de escola era titubiante ainda, mas com o seu amor, com o seu desejo de perfeição, com as suas qualidades de mulher, com a sua própria natureza. Ela criara já uma obra maravilhosa que Hugo não conhecia; formara um mundo novo e os seus sentimentos altruistas saberiam conduzi-lo para o verdadeiro sentido da vida. Esse mundo devia encerrar em si tudo quanto na sua alma de mulher, cultivara de verdadeiro, de justo, de bom e de belo.

E para que Hugo a compreendesse tôda, admirasse nela a criadora, deixou escapar orgulhosamente, num sôpro leve, o seu segrêdo mais íntimo:

— Sou mãe. Oculito uma obra-prima no meu seio...

III

A alegria e o orgulho da paternidade duraram curtas horas no coração de Hugo. Nessa noite o futuro surgiu tenebroso aos olhos do pintor. A flagrante realidade da vida repassou esse sentimento puro de amargor infindo. O artista viu, com espanto, que o segrêdo admirável que dos lábios da amante se despendera, longe de o apegar à existência com entusiasmo, o fazia sofrer. Debatendo-se com a insónia, encarou o problema em toda a sua plenitude; e essa tristeza que a princípio lhe parecera um paradoxo, surgia-lhe agora dolorosamente explicada: a alegria de ser pai é vedada aos pobres.

A existência duma criança ditava imperiosamente a sua união com Angela. Não era essa união que magoava o seu coração amoroso, era — triste realidade! — a despesa que ela requeria. Tinha necessidade de formar um

lar, de rodear a mulher e o filho de confortos, que, embora modestos, não podia pagar. De nada lhe servia a sua profissão, o seu ideal, a sua própria vida. Os seus quadros tam belos, concebidos com tanta paixão e tanto amor, eram estéreis, não produziam essa banalidade, que é tudo afinal — o dinheiro. A pintura honesta não dá para comprar um pão.

Se êle abdicasse totalmente da beleza e fizesse arte para os olhos, para almas corruptas de negociantes asquerosos, teria o futuro do seu lar assegurado. Só vale aquilo que se vende. Poria a sua consciência sã em hasta pública, para quem mais desse!

Abdicar dos seus sonhos de pureza seria a morte, seria um exemplo degradante para o filho que ia nascer; era ensinar-lhe o caminho da mentira e da prostituição moral. Abdicar, não. Nunca abandonaria a sua fé, razão única do seu viver. O seu temperamento de artista, habituado a juntar o gozo e a Beleza às manifestações eternas da vida, ao amor é a Arte, sofreria um abalo rude, aniquilador. Julgava vêr na treva do quarto a sua alma altiva transmudada num farrapo inutil. A inutilidade de viver erguia-se ante o seu olhar aterrado como um espectro impuro. Viver, morrendo; soterrar-se pouco a pouco no lôdo pestilento do pântano da vida!

Estendido no leito, mergulhado na sombra profunda, Hugo alucinava, sentia-se afogado na escuridão da noite.

Acalmou-se um pouco por esforço indomável de vontade. Urgia tomar uma resolução; procurava-a desesperadamente e não encontrava. Via apenas o negro horizonte do seu furo desfeito. Era impossível, não podia ser feliz. Para alcançar a felicidade só um meio se lhe apresentava — a furtuna. A furtuna é o roubo, o aviltamento de consciência. Felizes, os que não teem consciência... Que abismo de ignomínia!

Apertando entre as mãos a cabeça escaldante, Hugo perguntava-se como podia viver a humanidade nesse beco escuro e sem saída, limitado pela miséria aviltante, dum lado, e pela riqueza mil vezes mais aviltante, do outro. ¿Caberia a felicidade nesse espaço tam resumido?

Hugo sentia-se metido nesse beco estreito como cadáver em caixão; toda a negrura da noite lhe pesava no peito, sufocando-o. Tinha vontade de gritar e a voz morria-lhe afogada na garganta. Esbracejou, palpou-se, não estivesse sonhando. Não, era a realidade, era a vida presente, era o sofrimento dos justos.

Soergueu-se um pouco, rêspiroou pleno. E num anseio

de perfeição, lançou um olhar iluminado de esperança para além da miséria e da fortuna. Viveu então momentos incomparáveis; entreviu uma sociedade mais bela, sem desigualdades económicas — uma sociedade que não assentava os alicerces pesados sobre o roubo legalizado, sobre a miséria duns e a alegria feita pelo oiro de outros.

Desejou com veemência dormir um longo sono insensível às imperfeições de agora, deixar rolar os séculos sobre o seu corpo letárgico e acordar mais tarde, muito mais tarde, quando o sol incomparavelmente belo da Justiça fulgurasse intenso sobre a vida humana; quando a solidariedade sonhada fôsse uma realização perfeita e as almas pudessem purificar-se sem peias, sem convenções, em plena liberdade. E nesse momento Hugo juntou às suas aspirações de Verdade, de Justiça, de Bondade e de Beleza, uma outra aspiração maior, que só de profundá-la causava vertigem — a Liberdade.

—Dai a Liberdade aos homens—exclamou o artista— e êles serão sinceros, justos e bons! E êles erguerão o mundo ideal da Beleza. Dai-lhes a Liberdade!

Hugo deixou-se cair em seguida, prostrado, sobre o leito. A urgência duma resolução voltou a atormentá-lo. Era preciso prosseguir, viver, marchar sem desfalecimentos. Mas não via na sua frente uma estrada honesta para caminhar na Vida. Compreendia nitidamente o mal e não podia combatê-lo. Sentia que a paternidade era um mandato da Natureza, a que devia obedecer, e a riqueza, uma ficção criada pelos homens, não lho permitia. Era de enlouquecer! Aspirar-se a ser bom, leal, justo, generoso; sentir-se a alma plena de intuitos altruistas, e ter-se de seguir a senda da ignomínia! Era de enlouquecer!

Não estava sendo vítima dum pezadelo, bem o sabia. O sofrimento, a dor sempre mais pungente, seria a sua vida futura. Teria enlouquecido? Era necessário tomar juízo, iria tomar juízo.

Mentiria ao público ingénuo, impregnando as suas obras de sentimentos impuros: atraiçoaria a Verdade! Iria tomar juízo. O seu pincel havia de entoar hinos à preguiça dos ricos, à ferocidade dos senhores, à ignomínia das grandes prostitutas que a moda eleva à categoria de senhoras veneráveis; inverteria a Justiça! Retrataria os militares de coração empedrenido, que asseguram o predomínio do mal, acutilam os proletários na praça pública e atacam, em nome duma falsa fé, as aldeias inde-

fezas, semeando a dor e a morte nos lares simples: corromperia o sentimento da Bondade! E a estética, nascida, na sua essência, da Verdade, da Justiça e da Bondade, não tornaria a aparecer nas exposições de Arte. Hugo, o pintor, baniria a Beleza das suas obras!

Quedou-se medroso, não se atrevendo a levar mais longe o seu pensamento exaltado; sentiu-se envolvido numa onda de abjecção. Aumentou-lhe a febre; a fronte e as mãos escaldavam; traços de luz vermelha, sangrenta, riscaram a treva. Fechou os olhos e encontrou a mesma treva abafadiça. Foi levado vertiginosamente no ar; caiu em seguida de alturas incomensuráveis; caiu, levado no vácuo, como pena leve por tufão impetuoso. Agora via na sua frente a extensão infinita do oceano. Tudo desolação em volta; sentia que as fôrças lhe faltavam; ia mergulhar. Procurou onde segurar-se e só viu desolação, tristeza e silêncio. Gritou, e a sua voz não tinha eco, tombava sobre a superfície plana do mar, como ave ferida de morte. Depois, novamente a treva asfixiante, apertando-o todo na sua negrura opaca... Buscou um ponto onde apoiar a vista, onde lançar um derradeiro olhar — e treva, só treva...

De súbito um ponto luminoso brilhou na obscuridade. Nesse ponto concentrou a sua existência, a sua esperança.

Era o sol que rompia, era a nova vida. Levantou-se cambaleante e abriu a janela de par em par. O quarto inundou-se da meia claridade violeta da manhã. O mau bocado passara.

Hugo fitou na casaria alta o seu olhar dolorido; respirou com violência.

E duas lagrimas calmas, serenas como regatos ingénuos, desceram pelas primeiras rugas que a dor vincou no seu rosto moreno.

.....
 Á tarde, Angela entrou ruïdosa e alegre no *atelier*. Foi encontrar o amante de pé, os braços cruzados, firme, fitando, num rictus doloroso, uma grande tela branca que chegara essa manhã.

— Que vais pintar aí? — perguntou-lhe ela, sem reparar na expressão alucinada do pintor. ¿É a tal composição simbólica da alegria?

— Não sei — respondeu Hugo, distraidamente, secamente, enquanto Angela se reclinava no sofá predilecto.

— ¿E' o tal quadro que me descreveste, *A Verdade?* — teimou ela.

— Não sei — repetiu o pintor.

— E' *A Justiça*?

Hugo não respondeu.

— Ah, já advinhei — disse ela para o amante que se conservava de costas. na mesma posição, inabalável, pètreo — queres-me fazer uma surpresa. ¿ Aposto que se trata da tal grande obra que há muito fantasias, *A Bondade*, ou então *A Beleza*?

Hugo conservava-se mudo, enigmático, o olhar perdido, muito longe, num ponto abstracto da tela alva.

FIM

A aparecer brevemente

A Novela Vermelha

N.º 4—

DOIS TIROS

POR

SOBRAL DE CAMPOS

Preço, \$25 ctvs.

Pedidos à Secção Editorial
d'A BATALHA

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 4- **DOIS TIROS**

POR

SOBRAL DE CAMPOS

PUBLICADO:

N.º 1 **A Expição** *por Manuel Ribeiro.*

N.º 2 **Sangue Fidalgo** *por Nogueira de Brito.*

N.º 3 **Hugo, o pintor** *por Mário Domingues.*

PREÇO: \$25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2\$50

S|hi